JOÃO LUÍS CARDOSO
MÁRIO VARELA GOMES
JOÃO CARLOS CANINAS
FRANCISCO RIBEIRO HENRIQUES

O MENIR DE CEGONHAS (IDANHA-A-NOVA)

VISEU
1995

O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)

João Luís Cardoso[1], Mário Varela Gomes[2], João Carlos Caninas[1] e Francisco Ribeiro Henriques[1]

1. Introdução

A prospecção realizada por membros da Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA) na região do Rosmaninhal (Henriques *et al*, 1993), conduziu à identificação de vários monumentos megalíticos em conexão entre si e em uma área, plana e culminante, onde a existência de diversos moventes e dormentes de moinhos manuais, de grandes dimensões, sugeriam local de características habitacionais. Entre estes, destacavam-se dois grandes dormentes, de grauvaque, um deles disposto verticalmente no solo (Cardoso, 1994).

A primeira campanha de escavações cujos resultados agora se apresentam privilegiou um sector onde se encontrava o referido elemento dormente; as suas coordenadas Gauss são as seguintes: H 855 125 (Carta Militar de Portugal, folha 294, Zebreira-Sul, 1:25.000, S.C.E., 1972).

Os trabalhos de campo foram dirigidos pelo primeiro signatário, que redigiu com o segundo este trabalho. Os desenhos são da autoria de B. Ferreira. A escavação contou com a colaboração de João Carlos Caninas e de Francisco Ribeiro Henriques, coordenadores do Projecto de Investigação em que esta acção se insere. Participaram, ainda, nos trabalhos de campo Ulisses Rodrigues de Sales Alves e João Carlos Lourenço Máximo. Contou-se com o apoio financeiro da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

2. Enquadramento geológico e arqueológico

Do ponto de vista geológico, trata-se de substrato arcósico, grosseiro, onde se evidenciam seixos de quartzo filoneano mal rolados, embalados em matriz areno-argilosa avermelhada, com laivos argilosos esbranquiçados, que quando seca exibe grande dureza. A sua idade é atribuível ao Paleogénico ou Miocénico inferior continental.

O "ambiente" da região, do ponto de vista arqueológico, é rico e sugestivo. Assim, tal como no Alentejo - designadamente na notável região megalítica de Reguengos de Monsaraz - estão documentados espaços funerários

[1] Membros da Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.
[2] Membro da Academia Portuguesa de História.

(dólmenes), e outros de carácter sócio-religioso (rochas insculturadas e recintos megalíticos), além de locais de índole essencialmente habitacional. Todos eles se encontram nas proximidades uns dos outros, apenas afastados por escassas centenas de metros, evidenciando a provável relação, ou interdependência, que os espaços sagrados, incluindo os funerários, teriam com os habitacionais, situação que os resultados da escavação efectuada sugerem.

O local investigado corresponde a um pequeno outeiro, pouco destacado no relevo, ondulado e suave, que caracteriza a região. Esta possui notável coberto vegetal arbóreo, essencialmente constituído por azinheiras centenárias, entremeadas por coberto arbustivo, onde pontificam as giestas. Outrora terras de semeadura, o cultivo deve ter sido interrompido há mais de trinta anos, conforme sugerem o tamanho e porte das giestas referidas.

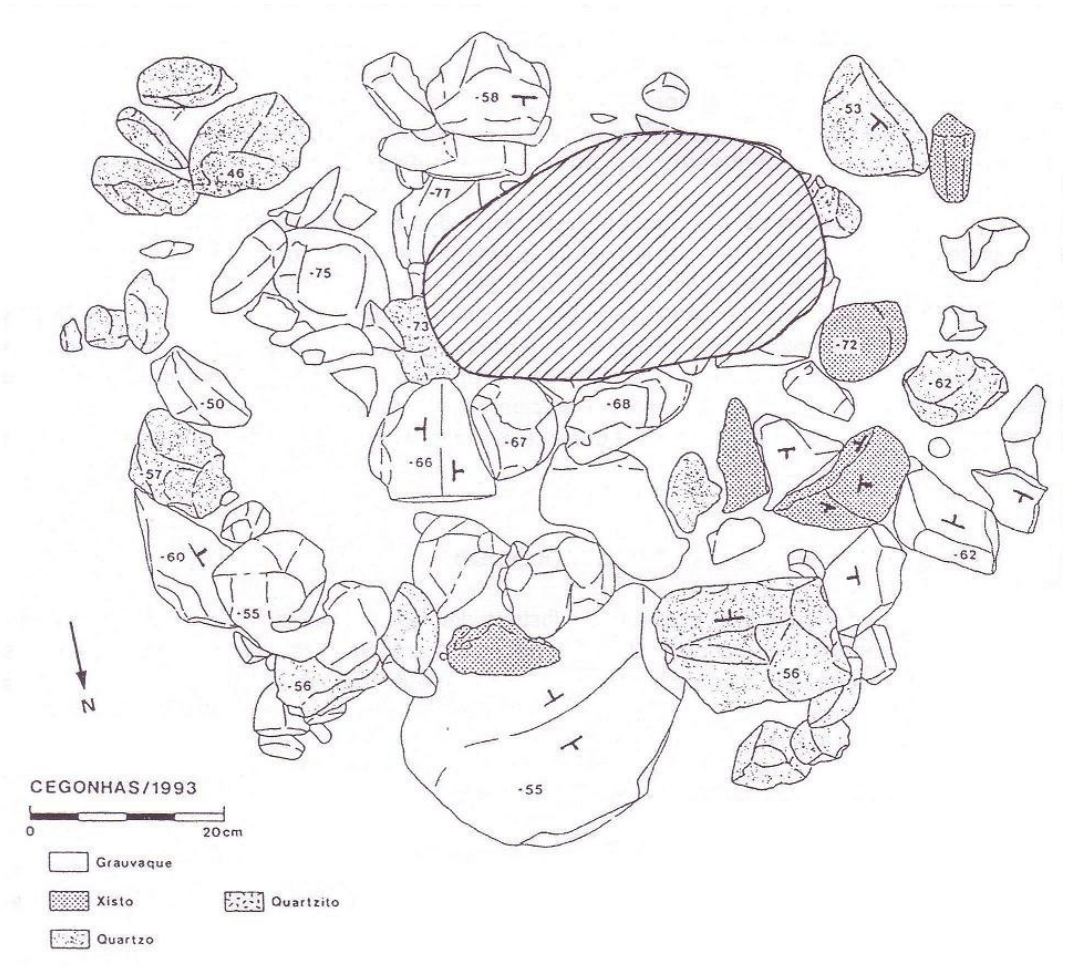

Figura 1. Planta da estrutura de sustentação do menir com a indicação do local de implantação deste (a tracejado). As cotas foram tiradas a partir do topo do moinho/mó na posição erecta em que foi encontrado.

3. Trabalhos realizados. Resultados obtidos

A escavação efectuou-se de 20 a 23 de Dezembro de 1993. Consistiu na abertura de dois quadrados, na parte mais alta da elevação antes mencionada. O primeiro desses quadrados (Quadrado 1), com o comprimento lateral de 4m, foi implantado tomando como centro aproximado o referido grande dormente de moinho manual, cuja posição vertical não poderia ser atribuída a causa natural nem, tão pouco, a remobilização mecânica imputável à lavoura (**Est. I e II**).

A sequência estratigráfica observada foi a seguinte:

Camada 1 - areia solta, de cor branca-acinzentada (10 YR 7/1), com escassa matéria orgânica anegrada, servindo de fraco ligante (0,20m de potência máxima); trata-se de terra activa.

Camada 2 - substrato geológico, constituído por depósito detrítico grosseiro, com ligante areno-argiloso de cor avermelhada (10 R 4/8).

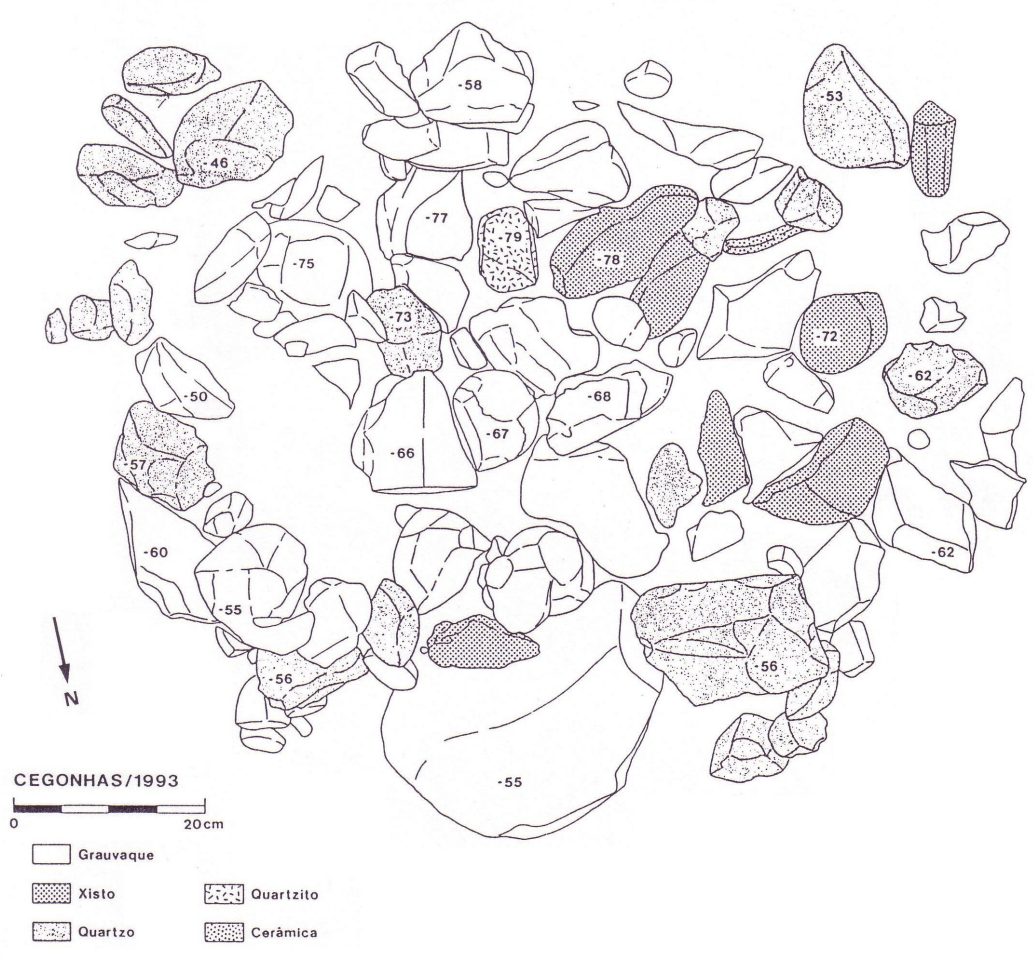

Figura 2. Planta da estrutura de sustentação do menir. As cotas foram tiradas a partir do topo do moinho/mó na posição erecta em que foi encontrado.

Como resultado, pôs-se a descoberto uma estrutura constituída por blocos de quartzo, quartzito, grauvaque e xisto, dispostos em torno e sob a base do dormente de mó, de contorno elipsoidal, assegurando a fixação daquele na vertical (**Est. II.2; Figs. 1 e 2**).

Trata-se de estrutura pétrea de suporte, com planta subcircular, constituída por uma depressão escavada no substrato geológico e forrada inteiramente por blocos angulosos e imbricados. Esta estrutura encontrava-se delimitada por anel formado por blocos de maiores dimensões, os quais deveriam aflorar à superfície do solo.

Estamos, pois, perante monólito de grauvaque intencionalmente colocado e fixado verticalmente ao solo, ou seja, um verdadeiro menir, no caso reutilizando artefacto de carácter funcional, um dormente de moinho manual. Este artefacto ostenta profunda sela de contorno sub-rectangular, incompleta de um dos lados (**Fig. 3**).

Figura 3. O moinho/mó evidenciando-se a profundidade e grandes dimensões da sela.

Os materiais arqueológicos recolhidos, todos sob a base do monólito, integrando portanto ritualmente o próprio embasamento daquele, resumiam-se a alguns fragmentos cerâmicos, dos quais apenas três bordos, dois pertencentes a taças não espessadas, em calote, e um a vaso esférico (**Fig. 4**). As cerâmicas apresentam-se, invariavelmente, grosseiras, de coloração rosa-alaranjada tanto à superfície como no núcleo, com abundantes elementos não-plásticos constituídos por numerosas palhetas de mica e grãos de quartzo e de feldspato angulosos. Trata-se, pois, de argila obtida provavelmente em local das proximidades, visto tal composição mineralógica ser compatível com afloramento arcósico alterado, com fracção argilosa significativa.

Por seu turno, o Quadrado 2, de 3m x 3m, aberto a 8,30m a sudoeste do primeiro, foi aprofundado, igualmente, até ao substrato geológico. A sequência estratigráfica reconhecida ofereceu características idênticas à anteriormente descrita. Por não ter fornecido quaisquer materiais ou estruturas arqueológicas, dispensamo-nos de a representar graficamente.

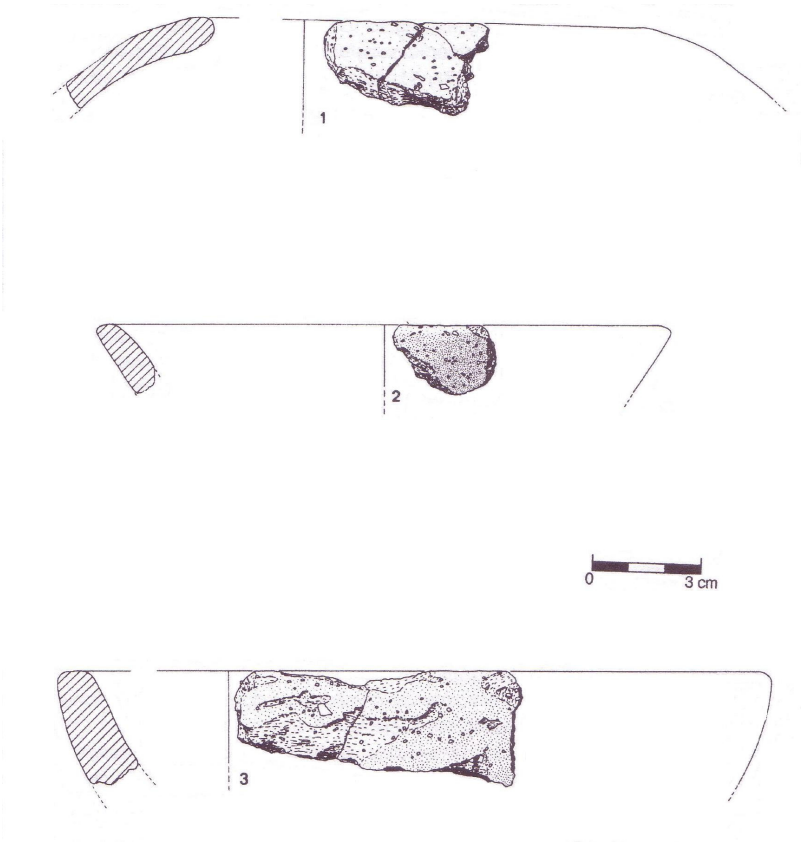

Fig. 4 - Bordos de recipientes cerâmicos recolhidos sob a base do menir, na estrutura de sustentação deste.

4. Interpretação e integração cultural

Apesar de alguns menires de dimensões modestas integrarem indiscutíveis estruturas megalíticas, como bem exemplificam os cromeleques de Almendres (Évora), Xarez (Monsaraz) ou Vale d´El Rei (Monte das Figueiras, Mora), só recentemente tem vindo a ser reconhecida importância histórico-arqueológica de pequenos monólitos, talhados e erguidos durante o Neolítico. Trata-se de menires ou estelas-menires, estruturando recintos e alinhamentos, associados a sepulturas, a áreas de habitat ou, aparentemente, isolados. De facto, identificaram-se, a partir de meados dos anos setenta, no Barlavento Algarvio, bom número de monólitos de aspecto betilóide, com forma subcilíndrica ou subcónica, claramente esculpidos ou rudemente afeiçoados em rochas exógenas aos locais onde foram detectados. Alguns, com as superfícies cuidadosamente regularizadas, exibem decoração gravada e em um caso, extremamente raro, conservavam-se restos de pintura de cor vermelha (Caramujeira). Tais monumentos são conhecidos sobretudo nos concelhos de Vila do Bispo (Milrei, Padrão), Portimão (Cruzinha), Lagoa (Caramujeira, Areias das Almas) e de Silves (Benagaia), tendo um deles sido encontrado, em 1880, na câmara do sepulcro 1 de Alcalar (Portimão) (Veiga, 1886, est. II; Gomes, 1994; 1994a).

Podemos, pois, concluir, que à classificação daqueles monumentos não importará tanto as dimensões ou o seu polimorfismo, cujo significado mais profundo nos escapa, mas, ao invés, a sua integração em contextos arqueológicos e respectiva funcionalidade no âmbito sócio-religioso, tal como acontece para os monólitos de grande tamanho.

Além dos menires aludidos, do extremo Sudoeste Peninsular, convém recordar os pequenos bétilos alinhados frente ao corredor do dólmen de Mina da Parxubeira, na Galiza, de talhe fruste e forma vagamente antropomórfica. Não fora o seu contexto, bem poderiam passar despercebidos (Casal, 1992, 216, 219), tal como os bétilos de Cova da Moura e de Dombate igualmente naquela região (Fábregas Valcarce, 1993).

Também algumas gravuras e pinturas que "decoram" tanto grandes estelas-menires, da Beira Alta (Caparrosa) e do Alto Alentejo (Vale-de-Rodrigo, Almendres), como os esteios dos corredores e das câmaras de sepulcros megalíticos daquela região (Orca de Juncais, dólmen de Antelas), parecem representar pequenas estelas antropomórficas ou bétilos. Aliás, já H. Breuil havia sugerido a hipótese, depois retomada por E. Twohig (1981, 91, 92), de que os denominados "escutiformes" gravados nos dólmenes bretões, não deveriam representar escudos mas, antes, objectos de carácter mágico-religioso, construídos em pedra ou em materiais perecíveis, dadas as semelhanças com as pequenas estelas encontradas em alguns dos mais antigos sepulcros de galeria da Bretanha (Gomes, 1993, 16).

O menir de Cegonhas é, pois, bom exemplo da complexidade com que nos defrontamos em definir conceitos, sempre mais ou menos afastados dos partilhados pelos homens pré-históricos. Referimo-nos não só às reduzidas dimensões, como à utilização secundária de um elemento dormente de mó,

cuidadosamente erguido, sobre uma das faces menores e suportado por forte coroa lítica cuidadosamente estruturada.

Tal estrutura é semelhante a muitas outras associadas a menires de dimensões congéneres, nomeadamente aos da fase mais antiga do monumento de Almendres (Évora), escavado por um de nós (M.V.G.) de 1986 a 1990. Ali se observou recinto constituído por três alinhamentos circulares de monólitos, muitos ainda erectos e com cerca de 1,00 m de altura, rodeados na base por coroas de pedras também estruturadas. A periferia destas possuía blocos ligeiramente maiores, enquanto blocos menores preenchiam o interior, formando uma espécie de pequeno *tumulus*, que teria alguma expressão acima do solo de ocupação seu contemporâneo.

As pequenas dimensões daquelas estruturas, como a de Cegonhas, e a sua edificação cuidada, utilizando material de pequeno tamanho, em locais onde não seria difícil obter elementos maiores e que, por isso, ofereceriam maior perenidade, conduz-nos a procurar outras explicações que não, apenas, as de carácter construtivo. Por outro lado, para erguer um pequeno monumento bastaria uma fossa escavada no solo e, talvez, dois ou três calços de pedra. Deste modo foram suportados menires, bem mais volumosos, nos monumentos de Almendres (fase II) e de Cuncos ou, ainda, alguns menires do Algarve (Padrão, Amantes).

Podemos, pois, considerar que a estrutura de enrocamento do menir de Cegonhas tinha, para além da função estática indicada, mas em parte dispensável, significado simbólico.

De igual modo, é no âmbito das representações reflexas da superstrutura religiosa que devemos tentar explicar a reutilização do dormente de mó como menir. Aquele tipo de artefactos encontra-se funcionalmente ligado à actividade produtiva secundária, sobretudo à transformação ou farinação de cereais e, talvez, de alguns frutos. As estreitas ligações, nas sociedades primitivas, entre as vertentes económica e a mágico-religiosa, explicam as muitas transmutações de artefactos de uso profano em objectos rituais ou, até, sagrados. Contudo, tais transferências não se processam sem deixarem de ter em conta os significados originais, ou a dimensão histórico-simbólica que tais objectos ainda carregariam.

Na verdade, artefactos pré-históricos simples e comuns, como as mós, não têm sido objecto de estudos aturados, embora talvez possam ser considerados como dos mais representativos em termos económico-sociais. Eles, melhor que todos os outros, muito embora pudessem, nalguns casos, ter servido à farinação de frutos e cereais selvagens, demonstram o importante passo da economia de caça-recolecção em produtora de alimentos.

Julgamos que o desenvolvimento agrícola das sociedades pré-históricas pode, em parte, ser avaliado pela existência de mós. Elas simbolizam a abundância e a fertilidade da terra, que então se cultivava, e de qual, em parte, dependia a sobrevivência das respectivas comunidades.

Esta dependência explicará aspectos de ordem ritual, com múltiplas expressões, cujos testemunhos disponíveis importa registar. De facto, no cromeleque de Almendres, designadamente no recinto mais recente, observou-se a ocorrência de elementos de mós nas estruturas de sustentação de cinco dos monólitos escavados, o mesmo acontecendo no menir 1 do cromeleque de Amantes 1 (Vila do Bispo), ou ainda em um dos grandes menires da Courela do Castanheiro (Bensafrim). Também uma estrutura, construída junto ao menir 9 de Padrão (Vila do Bispo), possuía, ao centro e assente sobre o solo primitivo, grande elemento dormente de mó, de grauvaque, acompanhado pelo movente, da mesma rocha, assim como por fragmentos de um vaso de cerâmica e outros objectos, constituindo o que julgamos poder ter sido um "depósito votivo" (Gomes & Silva, 1987, 18, 19, 50, 54; Gomes, 1994; 1994a).

Por outro lado, não são raros os sepulcros megalíticos, do Sul de Portugal onde foram exumados elementos de mós, tanto nos corredores como nas câmaras ou integrando as mamoas. Ali surgem, por vezes, outros artefactos de carácter marcadamente votivo, como as placas de xisto (Anta Grande da Comenda da Igreja, Anta Grande do Zambujeiro e Anta da Bulhoa).

Apesar do distanciamento geográfico e cultural, mas integrando o complexo megalítico ibérico, não podemos deixar de referir, dado o especial significado para a presente análise, o sepulcro de Mina do Simão (Serra da Aboboreira, Amarante), onde se encontrou um elemento dormente de mó, conservado no pavimento da câmara, constituído por onze elementos moventes de mós, com as superfícies de trabalho voltadas para cima (Jorge, 1984, 10, 11, 14,15). A existência de elementos de mós, em outros sepulcros do Norte de Portugal é, tal como no Sul, recorrente. É discutível a explicação que, sobre o assunto apresentaram V. Oliveira Jorge & R. Vilaça (1985, 59), relevando a *"importância da alimentação cerealífera dos construtores de megálitos (longe da mítica "economia pastoril" que os autores clássicos se compraziam em atribuir-lhes), como a muito provável proximidade dos seus habitats em relação aos túmulos, só assim se explicando a utilização repetida de tais elementos fora de uso como material de aproveitamento nas construções (se esses habitats ficassem longe, seria absurdo transportar tais blocos para as áreas de edificação das mamoas, onde a pedra era tão abundante)"*. Tal interpretação não contempla a carga simbólica que julgamos entrever em tais reutilizações e que, recentemente, J. Oliveira (1993, 133, 134) também valorizou, ao descobrir elementos de mós em muitas antas do Nordeste Alentejano e, sobretudo, meia centena de fragmentos daqueles elementos, a maioria moventes, nos calços dos esteios ou integrando a mamoa da anta da Figueira Branca em Marvão. Aquele arqueólogo concluiu: "*estamos em presença de um acto intencional, generalizado, e provavelmente simbólico...*". O mesmo autor referiu (Oliveira, 1995) a existência de moventes e dormentes identicamente fracturados em outras antas da região de Castelo de Vide – S. Mamede, como a anta 1 de Coureleiros e a anta da Cabeçuda, onde se recolheram cerca de 20 fragmentos de mós manuais. Aquela interpretação poderá justificar, na Beira Alta, a ocorrência de dormentes em estruturas dolménicas. Assim, na Orca de Pramelas, um dormente completo e dois fragmentos de outro, de grandes dimensões, integravam, intencionalmente, a estrutura de contrafortagem da câmara do monumento (Senna-Martinez & Valera, 1989). Igualmente na Orca

dos Fiais da Telha (Carregal do Sal) foram observados fragmentos de um dormente integrados na estrutura do contraforte interno do *tumulus* (Senna-Martinez, dissertação de doutoramento não publicada, 1990 e informação pessoal a J. L. C., de 1995). Ainda no Concelho de Carregal do Sal, na Orca do Outeiro do Rato (*idem*, *ibidem*), foi recolhido um fragmento de dormente integrado no contraforte interior do *tumulus*. Agradecemos a este arqueólogo as referidas indicações.

Embora hoje se aceite a existência da agricultura em extensão, no Ocidente Peninsular, apenas a partir do Neolítico final, conduzindo à verdadeira sedentarização das populações e aos povoados com estruturas perenes, o papel alimentar dos cereais em fases anteriores do Neolítico, selvagens ou cultivados, é inegável, conforme demonstra o elevado número de mós. Contudo, elas não devem, obrigatoriamente, indicar a presença de povoados, mas, conforme temos verificado, antes áreas de habitat com ocupação dispersa. Julgamos ser essa a situação em Cegonhas.

Muito menos podemos afirmar que tais artefactos tivessem sido integrados em monumentos funerários, ou sócio-religiosos, como mero material construtivo. Não seria, pois, "absurdo" que o seu transporte decorresse da actividade mágico-religiosa, passando tais objectos a auferir de valor simbólico. Recordemos, como muitos menires ou os esteios de alguns dólmenes, foram transportados, por vezes durante longas distâncias, para cumprimento de um projecto preciso e previamente delineado.

Reforça aquela ideia, o termos encontrado no Alto-Alentejo e no Algarve, como atrás referimos, elementos de mós, fazendo parte das estruturas de sustentação de menires.

Aquele aspecto ritual persistiu: descobriram-se elementos, dormentes e moventes, de mós manuais, incluídos no aparelho de *tumuli* da Idade do Bronze da região de Sines (Quitéria) e no *tumulus* da sepultura 9 de Alfarrobeira (Silves), do mesmo período. Um dormente de mó surgiu, ainda, no interior da cista 2 da necrópole de Las Palmas (Badajoz), sugerindo, dada a sua função de farinar cereais com especial uso alimentar, significado propiciatório no âmbito do cerimonial funerário. As próprias sementes são, nas sociedades agrárias, não só símbolos da fertilidade como da crença do renascimento *post-mortem* (Gomes, 1994b, 133).

Relativamente aos fragmentos cerâmicos incluídos na estrutura de sustentação do menir de Cegonhas, é de salientar a existência de paralelos em monumentos de diversas épocas. Prática semelhante foi registada para sepulcros neolíticos do Alentejo Litoral (Marco Branco, Palhota), onde se encontraram, no seio das terras constituintes dos *tumuli,* fragmentos de cerâmica erodidos e subprodutos de talhe em sílex (Silva & Soares, 1983, 84, 85).

Não esqueçamos, numa tentativa interpretativa mais abrangente, que têm vindo a ser detectados em cistas da Idade do Bronze, tanto no Alentejo Litoral (Quitéria, Provença, Pessegueiro) como do Algarve (Alfarrobeira, Baralha), fragmentos de cerâmica, de arestas roladas, possivelmente trazidos com terra,

das áreas de habitat, que preencheu, sepulturas ou ajudou a formar *tumuli*. Ainda na necrópole de Vinha do Casão (Vilamoura, Loulé), daquele mesmo período, foram identificados leitos de areia, exógena, onde repousavam os cadáveres (Gomes, 1994b, 133).

Fica, assim, uma vez mais, demonstrada a grande pervivência de certos aspectos rituais conotados com a propiciação em geral, a que não só se deve ligar a utilização, em Cegonhas, de uma mó como menir, mas ainda a inclusão de fragmentos de cerâmica na sua estrutura de sustentação, aspecto com paralelo mais próximo no menir 1 de Pedra Longa (Montemor-o-Novo). E será que a ocorrência de diferentes rochas naquela construção terá, ainda, algum significado ritual? A disposição na periferia da sua estrutura de sustentação de blocos de quartzo filoneano, poderá dever-se ao facto de produzirem maior contraste cromático, ou a qualquer outro aspecto que nos escapa, relacionado com aquela rocha.

No presente contexto, importa realçar a reutilização do grande dormente de mó como menir, corporizando a transformação qualitativa de um artefacto *tecnómico* em *ideotécnico*, isto é, segundo Binford (1962, 218, 219), perdendo o seu contexto funcional primário para reflectir a componente ideológica do sistema social. Não esqueçamos que muitos menires têm sido identificados em áreas de habitat disperso, denunciando cumplicidade espacial, onde se reúnem os testemunhos das actividades directamente ligadas à subsistência com os das manifestações relacionadas com a superstrutura sagrada.

O menir de Cegonhas parece, exactamente, integrar uma extensa área de habitat disperso, desprovida de estruturas defensivas naturais ou artificiais, revelando comunidade socialmente pouco hierarquizada que não conservaria grandes quantidades de excedentes imóveis. Trata-se, possivelmente, de sociedade seminómada, de economia agro-pastorial e de cariz comunitário, tardo-neolítica a julgar pelas cerâmicas exumadas, cujos membros retornariam, ciclicamente, àquele local, no decurso da segunda metade do IV milénio a.C., para a realização de diferentes actividades sócio-religiosas, designadamente conotadas com a fertilidade agrária e a crença no renascimento, de que o menir é um dos mais importantes testemunhos.

B i b l i o g r a f i a

Binford, L. (1962), Archaeology as Anthropology, *American Antiquity*, vol. 28, pp 217-225.

Cardoso, J. (1994) Escavação na Região Megalítica do Rosmaninhal. O menir de Cegonhas. Primeira Notícia, *Alto Tejo*, nº 17, 18, pp. 1-2.

Fábregas Valcarce, R. (1993), Las representaciones de bulto redondo en el megalitismo del Noroeste, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 50, pp. 87-101.

Gomes, M. V. (1983), Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs, *Valcamonica Symposium III, The Intelectual Expressions of Prehistoric Man: Art and Religion*, Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 385-401, Capo di Ponte.

Gomes, M. V. (1993), O Marco de Anta ou estela-menir de Caparrosa (Tondela-Viseu), *Estudos Pré-Históricos*, vol. 1, pp. 7-27.

Gomes, M. V. (1994), Menires e Cromeleques no Complexo Cultural Megalítico Português - Trabalhos Recentes e Estado da Questão, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 2, pp. 317-342, V ests.

Gomes, M. V. (1994ª), Megalitismo do Barlavento Algarvio - Breve Síntese, *Setúbal Arqueológica,* vol. XI (no prelo).

Gomes, M. V. (1994b), A Necrópole da Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves, *XELB*, vol. 2, 162 pp.

Gomes, M. V., & Silva, C. T. da (1987), *Levantamento Arqueológico do Algarve - Concelho de Vila do Bispo*, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 84pp, 38 figs, Faro.

Henriques, F. R., Caninas, J. C., & Chambino, M. (1993), *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3, 299 pp., Vila Velha de Ródão.

Jorge, V. de O. (1984), Escavação da mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira - Amarante), *Arqueologia*, nº 9, pp. 3-21.

Jorge, V. de O., & Vilaça, R. (1985), As mamoas de Cabritos (Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, nº 11, pp. 51-66.

Oliveira, J. (1993), Reutilizações e reaproveitamentos de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33, pp. 131-144, Porto.

Oliveira, J. (1995), Rituais megalíticos na serra de S. Mamede, comunicação apresentada ao Segundo Simpósio "Transformação e Mudança" (Cascais, Museu Condes de Castro Guimarães, Outubro de 1995): *O Megalitismo em Portugal*, Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Actas em curso de publicação.

Rodríguez Casal, A. A. (1992), Elements symbolico-funeraires dans le megalithisme galicien, Revue Archéologique de l´Ouest, supplément nº 5, pp. 213-221.

Senna-Martinez, J. C., & Valera, A. C. (1989), A Orca de Pramelas, Canas de Senhorim, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, pp. 37-50.

Silva, C.T. da, & Soares, J. (1983), Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, pp. 63-87.

Twohig, E. S. (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Claredon Press, 259 pp., 290 figs, 41 ests, 13 quadros, Oxford.

Estampa I

1. Cegonhas, 1993. O menir no contexto da área escavada, no Quadrado 1. Em segundo plano, um grande dormente de moinho manual.

Estampa II

2. Cegonhas, 1993. Vista geral da estrutura de sustentação do menir, implantada no substrato geológico.